



Silvana Castro Nicolli

Formas Vazias na arquitetura:
a existência precede a essência

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em História Social da Cultura, do Departamento de História da PUC-Rio.

Orientador: Prof. Joao Masao Kamita

Rio de Janeiro
Abril de 2014



Silvana Castro Nicolli

**Formas Vazias na arquitetura:
a existência precede a essência**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em História Social da Cultura do Departamento de História do Centro de Ciências Sociais da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada

Prof. Joao Masao Kamita

Orientador
Departamento de História – PUC-Rio

Profª Ana Luiza de Souza Nobre

Departamento de Artes e Design – PUC-Rio

Profª Fabíola do Valle Zonno

Faculdade de Arquitetura e Urbanismo - UFRJ

Profª Mônica Herz

Vice-Decana de Pós-Graduação do Centro de Ciências Sociais
PUC-Rio

Rio de Janeiro, 07 de abril de 2014

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, da autora e do orientador.

Silvana Castro Nicolli

Graduou-se em Arquitetura e Urbanismo na Universidade Federal do Rio de Janeiro em 1994. Especializou-se em Filosofia Contemporânea na PUC-Rio em 2000. Concluiu a pós-graduação *Stricto Sensu* na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro em 2014.

Ficha Catalográfica

Nicolli, Silvana Castro

Formas vazias na arquitetura: a existência precede a essência / Silvana Castro Nicolli ; orientador: João Massao Kamita – 2014.

213 f. ; il. (color.) ; 30 cm

Dissertação (mestrado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de História, 2014.

Inclui bibliografia

1. História – Teses. 2. História social da cultura. 3. Fumihiko Maki. 4. Rem Koolhaas. 5. Forma vazia. 6. Urbanismo pós-CIAM. 7. Metrópole. 8. Espaço-movimento. 9. Linkagem. 10. Interioridade (Oku). I. Kamita, João Massao. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de História. III. Título.

CDD: 900

Aos arquitetos de minha geração.

Agradecimentos

Agradeço aos professores do Curso de pós-graduação em História da PUC-Rio pela acolhida. Agradeço pelas aulas empolgantes, estendendo aos professores dos cursos de Filosofia e Artes, cujas aulas frequentei, ora como aluna ouvinte, ora como inscrita. E também pelo recomeço.

Ao meu orientador, João Masao Kamita, pelo risco, liberdade e traço, que me permitiram ir para tão longe, mas ainda assim voltar.

Aos meus professores de graduação em projeto de arquitetura na FAU-UFRJ, em especial ao professor Milton Feferman, pela aposta. Ainda que o contexto nebuloso de desesperança e fim da geração dos grandes arquitetos modernos brasileiros tenha sido muito doloroso e frustrante para nós recém-formados, arquitetos incógnitos.

À CAPES e à PUC-Rio, pelos auxílios concedidos.

Aos funcionários do Departamento de História pela atenção, pela ajuda. À Edna, pela dedicação sempre carinhosa.

Ao meu pai, pelo desafio. À minha mãe, pelas alternativas.

Aos meus irmãos, Lília e Filipe, pela trilha.

Ao Paulo, pelo apoio, paciência e compreensão.

Aos meus filhos, Mônica e Marcelo, pelo amor que dá sentido, ou faz querer inventar.

Resumo

Nicolli, Silvana Castro, Kamita, Joao Masao. **Formas Vazias na arquitetura: a existência precede a essência.** Rio de Janeiro, 2014. 213p. Dissertação de Mestrado. Departamento de História, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

No final dos anos 1960, os projetos arquitetônicos em grandes escalas foram desacreditados no Ocidente por estarem associados à presença dos Poderes vigentes. Influenciados pelos ideais de Maio de 1968, os arquitetos ocidentais passaram a procurar modelos alternativos, baseados na linguagem histórica. Eles buscavam com isso alcançar a autonomia da forma arquitetônica, esvaziando-a do suposto conteúdo ideológico, que estaria aderido às formas abstratas modernas. No entanto, o enfoque pós-moderno nos elementos formais do objeto arquitetônico e do espaço urbano implicava no abandono da questão urbanística na escala metropolitana. Esta escala espacial seria marcada pela perda das referências às estruturas formais orgânicas. No Japão, a pesquisa moderna em grandes escalas não foi interrompida, oferecendo um amplo instrumental para a questão urbanística contemporânea. Esta dissertação verifica como os arquitetos Fumihiko Maki e Rem Koolhaas propõem a retomada e a revisão do urbanismo moderno metropolitano. Eles partem do pressuposto de que a Forma arquitetônica seria vazia de significados intrínsecos. A apropriação por parte dos Poderes e, também, por parte das pessoas imprimiria à arquitetura significados, retirando dos arquitetos a responsabilidade sobre a totalidade do projeto e devolvendo-lhes a legitimidade da disciplina. Esta pesquisa percorre os caminhos seguidos por esses arquitetos a partir de suas referências orientais e ocidentais, mostrando como, em diversos momentos, os conceitos arquitetônicos dos dois mundos convergem, apontando a persistência do pensamento moderno.

Palavras-chaves

Fumihiko Maki; Rem Koolhaas; Forma Vazia; Urbanismo pós-CIAM; metrópole; espaço-movimento; Linkagem; Interioridade (Oku); Bigness.

Abstract

Nicolli, Silvana Castro, Kamita, Joao Masao.(Advisor) **Empty Forms in Architecture: Existence precedes Essence**. Rio de Janeiro, 2014. 213p. MSc dissertation – Departamento de História, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

By the end of the 1960's, large-scale architectural projects were discredited in West because they were associated with the established Power. Influenced by the ideals of May 1968, architects began searching alternative models based on the Historical language. They wanted to reach the autonomy of the architectural form by releasing it from their supposed ideological content, which was adhered to the abstract modern forms. Nevertheless, the post-modern approach, which was based on formal elements of the architectural object and of the urban space, implied in the relinquishment of the metropolitan-scale. This urban-scale would be characterized by the references loss of organic formal structures. In Japan, modern research on large-scales was not interrupted, offering an important arsenal to the questions of contemporary urbanism. This dissertation verifies how the architects Fumihiko Maki and Rem Koolhaas propose the retaking and revision of modern metropolitan urbanism. They presuppose that architectural Form is devoid of intrinsic meaning. Its appropriation by Power and also by people gives it meaning, removing architects' responsibility on the totality of the project and giving them back the legitimacy of the discipline. This research follows the paths opened by these two architects through their Eastern and Western references, revealing the many instances in which architectural concepts of both worlds converge, aiming to the persistence of modern thought.

Keywords

Fumihiko Maki; Rem Koolhaas; Empty Forms; post-CIAM urban-planning; metropolis; Movement Space; Linkage; Inner Spaces (Oku); Bigness.

Sumário

1. Introdução	15
1.1. Apresentação do Tema	15
2. Megaestruturalismo: a última expressão do movimento moderno ocidental e a primeira da vanguarda não-ocidental	21
2.1. O Conceito de Megaestrutura	23
2.2. Da crise do conceito de cidade enquanto estrutura formal orgânica às Megaestruturas metropolitanas e a Tabula Rasa	29
2.3. Retomada do Moderno por Koolhaas. Sua visada megaestrutural via o conceito de Bigness (XXL): O edifício urbano em si. A continuidade do pensamento urbanístico via o conceito de Arquipélagos Urbanos. A influência do urbanismo japonês	36
3. Interações com a arquitetura japonesa	43
3.1. A Receptividade do Moderno no Japão. A “modernidade” da concepção espacial tradicional japonesa segundo Fumihiko Maki . A síndrome corbusiana. A Forma Vazia e o gesto gráfico	43
3.2. Desenvolvimento e persistência do conceito espacial na arquitetura japonesa	50
3.2.1. A crise do conceito de espaço utilizado pelos arquitetos ocidentais e a especificidade do conceito de espaço japonês	50
3.2.2. Antecedentes da Concepção de espaço arquitetônico japonês	53
3.2.2.a O Xintoísmo e Panteísmo e a composição plástica tridimensional da arquitetura. Budismo e Dualismo e a composição pictórica frontalista da arquitetura	53
3.2.2.b. O Zen Budismo, a ideia de vazio e o desenvolvimento do espaço interior japonês A ideia de vazio	55
3.2.3. O conceito de espaço interior japonês	58
3.2.3.a. Qualidades do espaço geométrico	60
3.2.3.b. Qualidades do Espaço Movimento	62
3.3. O Mundo como fluxo heterogêneo do tempo	71
4. A Trajetória de Fumihiko Maki	75
4.1. Primeiros anos de Fumihiko Maki	75
4.2. Participação no Grupo Metabolista/História do Movimento	87
4.2.1. WoDeCo 1960. Vitalismo: Interpretação da Tradição e da Modernidade por Kenzo Tange. O Grupo Metabolista (1960 até 1985). Expo 70. Final do Movimento na Tsukuba Science Expo (1985)	87
4.2.2. A distância de Maki	95
4.2.3. A dupla contribuição de Maki. A WoDeCo 1960	98
4.2.4. O apogeu do metabolismo na Expo’70 em Osaka. Novo ícone arquitetônico japonês, Big Roof, a maior estrutura espacial do mundo	101
4.2.5. Crise do Petróleo. Estagnação econômica. Exílio Metabolistas no Oriente Médio e na África. Tsukuba Expo (1985). Neoliberalismo (Minkatsu): Fim do Project Japan e do Movimento Metabolista	103
4.2.6. Obras Metabolistas/Forma em Grupo	105
4.2.6.1. O projeto não-construído para o Terminal Shinjuku	105
4.2.6.2. Habitações de Baixo Custo em Lima	107

5. Os Conceitos Makianos	110
5.1. A concepção de modernismo como um Sistema de Mudança. A continuidade histórica do modernismo	110
5.2. Três conceitos de Forma Coletiva	111
5.2.1. Composicional	113
5.2.2. Megaestrutural	113
5.2.3. Forma em Grupo	115
5.2.3.a. Um sistema de “elementos generativos”	115
5.2.3.b. Sua forma aberta, a composição serial, a estética da assemblage	117
5.3. O Urbanismo pós-CIAM	119
5.3.1. Plano Diretor X Programa Diretor	119
5.3.2. O conceito de Regionalismo Aberto – A sensibilidade Vernacular Industrial e o pós-urbanismo contemporâneo	120
5.3.3. Instrumental para o Design Urbano: a Forma Coletiva e seus sistemas históricos de Linkagem: relações possíveis entre as partes e o Todo	123
5.4. Linkagens – Ligações na Forma Coletiva	126
5.4.1. Introdução	126
5.4.2. Ligações orgânicas na Forma Coletiva	126
5.4.3. Limites das categorias de Linkagem: ligações físicas e desdobramentos simbólicos e funcionais. Ligações estáticas e no percurso	128
5.4.4. Ligações Abertas e o ciclo de vida das ligações	129
5.5. Tradicionalismo vitalista: o conceito de Interioridade, Oku, na concepção espacial japonesa	131
5.5.1. Raízes históricas do conceito de oku	131
5.5.2. Camadas de espaço	134
5.5.3. Espaço Interior e horizontalidade versus centro e verticalidade	136
5.5.4. Envolvimento versus demarcação – O Princípio de Envolvimento da interioridade (oku)	138
5.6. As camadas de espaço, a experiência Interioridade espacial no crematório de Kaze-No-Oka. Os vazios orientais: a profundidade sem centro e o percurso como destino (o espaço-movimento)	142
5.7. A Forma em Grupo no projeto para Hillside Terrace. A paisagem do tempo. A Interioridade do lugar a partir da experiência do espaço-movimento	150
6. A Trajetória de Rem Koolhaas	159
6.1. Origens: sua veia asiática e o gosto pelo inacabado	159
6.2. A geração de Maio de 1968 e a crise da legitimidade ideológica da arquitetura	160
6.3. A crítica da Missão social do artista por Manfredo Tafuri. A continuidade ideológica do artista (sua resistência) por meios híbridos	164
6.4. O espaço metropolitano labiríntico e a tabula rasa. Forma Vazia da arquitetura. O urbanismo pós-CIAM “Makiano” como exemplo: programas diretores, formas abertas, fluxos urbanos no interior dos edifícios	166
6.4.1. Tabula Rasa	166

6.4.2. A cultura da congestão metropolitana: as massas críticas. O arquipélago urbano	169
6.5. Tentativas de reabilitação da arquitetura: os projetos teóricos	172
6.5.1. O Muro de Berlim como arquitetura. A separação entre forma e significado: a forma “vazia”	172
6.5.2. Exodus, ou os prisioneiros voluntários da arquitetura. A onipotência e a impotência da arquitetura. Ambiguidades da arquitetura behaviorista: o elogio do estímulo lúdico e da participação, e crítica da manipulação comportamental	178
6.6. O medo do Nada	188
6.6.1. O sistema de vazios: o projeto para a Cidade Nova de Melun-Sénart. Um programa diretor e não um plano diretor	192
6.6.2. A forma aberta. O Congrexpo em Lille. As strips como faixas de determinação programática e faixas indeterminadas (vazias). O edifício urbano em si. A obra coletiva	197
6.6.2.a. O Centro Internacional de Negócios em Lille, 1988-1991	197
6.6.2.b. O Edifício do Congrexpo, 1990-1994	198
7. Conclusão	204
Referências bibliográficas	211

Lista de figuras

Figura 1: Edifícios A, B e C do chamado Plano <i>Obus</i> de Le Corbusier, Argélia, 1930	28
Figura 2: Projeto de Le Corbusier para uma <i>Ville Radieuse</i> , 1930	34
Figura 3: Projeto para o concurso da IBA, OMA em 1980	35
Figura 4: Espaço Geométrico Barroco. Coordenadas polares	65
Figura 5: Espaço Geométrico na Cidade Proibida. Coordenadas cartesianas	65
Figura 6: Diagramas de Espaço Movimento	66
Figura7: Profundidade sem centro, <i>Interioridade Oku</i>	66
Figura 8: Profundidade do espaço interno Barroco	66
Figura 9: Palácio Hommaru, período Edo 1640	67
Figura 10: Katsura Detached Palace, Kyoto	68
Figura 11: Katsura Detached Palace, Kyoto	68
Figura 12: Jiki-In, perto de Nara. Portas de correr recolhidas. Continuidade espacial	69
Figura 13: Interdependência entre o arquitetura e a natureza. Daigo-Sanbo-In, perto de Kyoto	69
Figura 14: Arisawa villa, Matsue	70
Figura 15: Arisawa villa, Matsue	70
Figura 16: Katsura Detached Palace, Kyoto	71
Figura 17: Planta-Baixa e Imagem, Toyoda Memorial Hall, Fumihiko Maki, 1960	86
Figura 18: Steinberg Hall, Washington University, St Louis, Fumihiko Maki, 1960, 2006	87
Figura 19: Ilustração associativa segundo o <i>Tradicionalismo Vitalista</i> de Tange	93
Figura 20: Imagens de projetos da Expo'70	94
Figura 21: Estrutura Golgi do arquiteto Fumihiko Maki – 1968	95
Figura 22: Terminal Shinjuku, 1960. Fumihiko Maki	106
Figura 23: Projeto K. Fumihiko Maki, 1964	107

Figura 24: Representação esquemáticas das Formas Coletivas por Maki	112
Figura 25: Representação esquemática das categorias de Linkagem na Forma Coletiva definidas por Maki: Mediar, Definir, Repetir e definir um Passeio Sequencial (Promenade)	125
Figura 26: Vista do átrio do Crematório Kaze-No-Oka, em Nakatsu, projeto de Fumihiko Maki, 1996	145
Figura 27: Planta Baixa do Crematório Kaze-No-Oka de Fumihiko Maki, construído em 1996 em Nakatsu, no sul do Japão	146
Figura 28: (no alto)-Sala do crematório em Kaze-No-Oka, projeto de Fumihiko Maki. Construído em 1996 em Nakatsu, no sul do Japão	147
Figura29: (abaixo)- Pátio do Crematório Kaze-No-Oka, projeto de Fumihiko Maki. Construído em 1996 em Nakatsu, no sul do Japão	147
Figura 30: Imagens do Crematório Kaze-No-Oka, projeto de Fumihiko Maki. Construído em 1996 em Nakatsu, no sul do Japão	148
Figura 31: Imagens do Crematório Kaze-No-Oka, projeto de Fumihiko Maki. Construído em 1996 em Nakatsu, no sul do Japão	148
Figura 32: Vista aérea do Crematório Kaze-No-Oka, projeto de Fumihiko Maki. Construído em 1996 em Nakatsu, no sul do Japão	149
Figura 33: Pórtico de entrada do Crematório Kaze-No-Oka, projeto de Fumihiko Maki. Construído em 1996 em Nakatsu, no sul do Japão. Possível referência à Ombashira	149
Figura 34: Ombashira. Pilar sagrado cultuado pela população xintoísta desde tempos remotos (1962 em Nagano)	150
Figura 35: Vista aérea do Hillside Terraces, projeto de Fumihiko Maki, 1969-1992, no bairro de Daikanyama em Tóquio	155
Figura 36: Planta de Situação Hillside Terraces, projeto de Fumihiko Maki, 1969-1992, no bairro de Daikanyama em Tóquio	155
Figura 37: Fase 1- Praça de Entrada–Hillside Terraces, projeto de Fumihiko Maki, 1969-1992, no bairro de Daikanyama em Tóquio	156
Figura 38: Fase2-Hillside Terraces, projeto de Fumihiko Maki, 1969-1992, no bairro de Daikanyama em Tóquio	156
Figura 39: (acima)–Fase-3-Hillside Terraces, projeto de Fumihiko Maki, 1969-1992, no bairro de Daikanyama em Tóquio	157

Figura 40: (abaixo)–Fase-6-Hillside Terraces, projeto de Fumihiko Maki, 1969-1992, no bairro de Daikanyama em Tóquio	157
Figura 41: Fase-6-Imagens do Hillside Terraces, projeto de Fumihiko Maki, 1969-1992, no bairro de Daikanyama em Tóquio	158
Figura 42: Fase-6-Imagens do Hillside Terraces, projeto de Fumihiko Maki, 1969-1992, no bairro de Daikanyama em Tóquio	158
Figura 43: Fase-6-Imagens do Hillside Terraces, projeto de Fumihiko Maki, 1969-1992, no bairro de Daikanyama em Tóquio	158
Figura 44: Espaços Piranesianos, labirínticos. Carceri-The Drawbridge (A Ponte Levadiça) ~1745 a 1761	187
Figura 45: Piranesi- Carceri- Smoking Fire	188
Figura 46: Projeto de Intervenção Urbana em Melun-Sénart, OMA, 1987. Planta acima e abaixo	194
Figura 47: Detalhe do Sistema de Bandas.Projeto de Intervenção Urbana em Melun-Sénart, OMA, 1987	195
Figura 48: OMA. Intervenção Urbana em Melun-Sénart (New Town), 1987	196
Figura 49: OMA. Congrexpo, Lille, 1994	200
Figura 50: OMA. Congrexpo, Lille, 1994. Fachada do Centro de Congresso	201
Figura 51: OMA. Congrexpo, Lille, 1994. Planta Baixa do volume que atravessa o edifício do Centro de Conferências, interligando Norte e Sul	201
Figura 52: Visada com o Zenith (com anfiteatro para concertos de rock) do edifício do Congrexpo (Lille Grand Palais) com projeto do OMA, concluído em 1994	202
Figura 53: Espaço Interno do Congrexpo, OMA, 1994	202
Figura 54: Espaço interno do Congrexpo do OMA, 1994	203
Figura 55: Spiral Building em Tóquio, 1985	208
Figura 56: Embaixada dos Países Baixos em Berlim, 2003	208
Figura 57: Embaixada dos Países Baixos em Berlim, OMA, 2003	209
Figura 58: Spiral Building em Tóquio, 1985	210

Mas ter feito em lugar de não fazer
 isto não é vaidade
Ter, com decência, batido
Para que um Blunt abra-se
 Ter colhido no ar a tradição mais viva
ou num belo olho antigo a flama inconquistada
Isto não é vaidade.
 Aqui, o erro todo consiste em não ter feito.
Todo: na timidez que vacilou.

Trecho do *Canto 81*, Ezra Pound